Pós-modernidade ou a impostura de uma falsa radicalidade

Barbaria

Link:
https://barbaria.net/2018/11/20/posmodernidad-o-la-impostura-de-una-falsa-radicalidad/

Introdução

Neste texto, pretendemos fazer uma breve crítica a alguns dos lugares comuns ideológicos de nosso tempo, lugares comuns que, por conveniência, chamamos de pós-modernos. Em termos gerais, eles podem ser reconhecidos pela ideia de que qualquer tentativa de buscar a emancipação radical seria um meta-relato, que buscar algum critério de verdade ou objetividade seria prova de arrogância e desejo de dominar. Que não há critérios gerais e universais pelos quais definir a realidade do mundo e, portanto, não há busca por uma liberação geral. Que tudo é subjetivo, que a única luta possível é a que ocorre no cotidiano, na microfísica dos poderes, sem o risco de cair no essencialismo e nas sempre perigosas definições seguras, etc.

Este texto foi escrito a partir de uma prática revolucionária e a crítica se baseia na influência que esses tipos de abordagens e autores têm sobre os ativistas radicais que tentam lutar contra esse mundo. É por isso que nos parece importante poder discutir as imposturas que emergem desse tipo de autores. A corrente que mais introduziu esse tipo de perspectiva nos "movimentos sociais" é uma versão light e reformista do movimento autônomo histórico que tem Toni Negri como uma de suas principais referências e fez das obras de Deleuze, Foucault, Guattari... supostos manuais de radicalismo que os ativistas "educados" deveriam seguir. O recente livro de Marina Garcés, professora universitária de filosofia e representante desse tipo de correntes e ideias, expressa perfeitamente o que queremos criticar. Um aparente radicalismo em formas e discursos que afirmam querer desconstruir tudo e uma impotência que deriva das premissas, como ela mesma reconhece no início do prólogo de seu livro, *Ciudad Princesa (*p. 11):

> *Não sei até onde realmente lutamos. Tampouco sei até que ponto perdemos completamente. Sei que as ideias e os modos de vida em que acredito não são triunfantes, mas também não estão perdidos. A geração dos anos 70 queria invadir o céu e queimar suas asas. Aqueles de nós que vieram depois deles cresceram em meio às cinzas e viram o fogo de seus anseios e ideais se extinguir (...) E apenas alguns, poucos, continuaram a alimentar as brasas do pensamento e do compromisso radicais.*
> *Aqueles de nós que se tornaram politizados no final da década de 1990 não olhavam para o céu, a menos que fosse para descansar um pouco.*

Por outro lado, é importante entender que, quando falamos de pós-modernidade, não estamos estabelecendo uma ruptura drástica com o que é conhecido como modernidade. Na realidade, ambas as "épocas" falam da mesma coisa, do capitalismo e de sua tendência a separar a forma do conteúdo, a subjetividade da objetividade, o conhecimento da moralidade, e assim por diante. O capitalismo é um sistema que se baseia em uma forma (capital como valor inflado com valor) que tende a subsumir sob sua égide totalitária qualquer conteúdo. Tudo pode ser convertido em dinheiro como o equivalente geral de riqueza, qualquer atividade humana pode ser submetida à regra do trabalho abstrato. Já no início do surgimento do capitalismo no século XVII, as primeiras formas dessa separação também começaram a se desenvolver nas formas de pensar. Estamos nos referindo, por exemplo, ao "*Penso, logo existo"* de Descartes, ou ao mecanicismo do corpo político de Thomas Hobbes. O capital inaugura uma época que separa a vida de sua substância material, que fragmenta os seres humanos uns dos outros e também internamente, que destrói a comunidade humana... É uma metafísica da separação que nos coloca uns contra os outros, como o próprio Hobbes estabelece em seu estado de natureza, como a base do leviatã estatal. Essa guerra de todos contra todos, a redução da vida social à de átomos em perpétuo conflito mercantil, a pós-modernidade tentará levá-la à sua expressão máxima. De fato, a guerra de todos contra todos se torna, nas posições pós-modernas, um conflito permanente entre identidades. Racializado contra branco, queer contra cisgênero, trans contra queer, etc. Quanto mais opressões, melhor! Quem dá mais nessa verborragia de privilégios que estabelece quem deve falar e quem deve ficar calado! Isso dissolve não apenas qualquer crítica unitária desse mundo, mas também a possibilidade de transcendê-lo e ser capaz de confrontar as opressões específicas que o capital reproduz em toda a sua gama. Somente um projeto de destruição integral deste mundo por meio da reconstrução da comunidade humana permite tal objetivo.

Quando falamos de pós-modernidade, estamos nos referindo a uma ideologia e não a uma época. A época continua a mesma, mesmo que isso seja lamentável para nossos belos oponentes: a do capital e suas invariantes categóricas, do trabalho abstrato e da mercadoria, do Estado e da democracia. Nós nos referimos a uma ideologia porque ela é uma visão distorcida da realidade que não nos permite compreender seu verdadeiro significado e, portanto, as possibilidades de revolucioná-la em um sentido emancipatório. Além disso, sua produção nos leva da Universidade da Califórnia à Sorbonne, da Sapienza de Roma à Complutense, dos campi de Buenos Aires aos de Calcutá. Portanto, não se trata apenas de uma ideologia, mas de uma ideologia cujo agente óbvio são as classes médias. Os acadêmicos "radicais" do campus traduzem as opressões reais (patriarcais, raciais...) para sua linguagem profissional a fim de obter financiamento para seus projetos de pesquisa. Uma multidão zumbi de estudantes universitários, encantados e entretidos com a linguagem esotérica dos mais velhos, brandem com confiança prepotente as armas de suas frases mágicas e incompreensíveis, e ai de qualquer um que pretenda se opor a eles. A pós-modernidade tem algo de pós-Moestalinismo.

Por todas essas razões, este texto é um texto de combate, de afirmação comunista e revolucionária, um texto de negação.

1. Uma ideologia da derrota

Antes de tudo, é importante entender as origens do pós-modernismo. A ideologia pós-moderna surge após uma série de derrotas revolucionárias ao longo do século XX (a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais), coroadas pela derrota da onda de revoltas sociais que explodiu na década de 1960: da França à Argentina, de Praga à Itália, do Uruguai a Portugal, o proletariado tentou se constituir como um partido, como uma classe[1] . Em alguns momentos, nossa classe passará por processos insurrecionais muito amplos, como na Itália nos anos 70, processos de auto-organização que acabaram sendo subsumidos, como em Portugal, ou breves ataques insurrecionais, como em Córdoba (Argentina) em 1969. A derrota dessa onda de lutas, a segunda ou terceira onda do ataque proletário à sociedade de classes (se considerarmos não apenas a onda revolucionária de 1910-1937, mas também a do século XIX, de 1848 a 1871), incentivará a reversão do processo de constituição do proletariado como classe e o

[1] Na última seção do texto, explicamos o que queremos dizer com classe ou partido, e também recomendamos o texto do *Comunismo* #65: Proletarian me?

ressurgimento de ideologias alimentadas pelo pessimismo, individualismo e niilismo, que devoram as esperanças no proletariado e em uma humanidade finalmente liberada da sociedade de classes. A ideologia pós-moderna baseia-se na suposição de que uma emancipação radical do proletariado teria sido um pesadelo maligno que só poderia gerar monstros totalitários. Ideólogos pérfidos teriam secularizado o logocentrismo da religião judaico-cristã (nas versões comunista e anarquista) e o transmitido aos proletários pobres, ignorantes e analfabetos. Como podemos ver, o idealismo da operação mental é pleno. Para a pós-modernidade (assim como para todo o pensamento moderno e burguês), o comunismo ou o anarquismo não é um movimento real que tenta fazer valer as necessidades humanas contra o capital e sua exploração, mas uma construção mental muito equivocada e errônea**.** Graças a Deus que nossos ilustres professores parisienses e californianos vieram nos despertar de nossa ignorância juvenil. A pós-modernidade é, ao mesmo tempo, uma ideologia de renúncia e pessimismo. Por trás de seu aparente radicalismo (que é o gancho com o qual ela seduz as classes médias em busca de novas metanarrativas), ela nada mais é do que uma renúncia a qualquer tentativa de transformar este mundo de forma real e global. Daí o recuo para a micropolítica e a política de identidade. Dizem que o pequeno é bom e totalitário. Como a derrota contrarrevolucionária sofrida pelo proletariado na década de 1970 adia a mudança revolucionária necessária que está por vir, a necessidade se torna uma virtude e a derrota uma condição naturalizada. É por isso que o pessimismo e a renúncia são inseparáveis e, ao mesmo tempo, estão ligados a uma concepção exultante das diferenças, da particularidade cultural e da escolha individualista**,** do diverso e do heterogêneo, do molecular e do esquizoide, do instável e do indeterminado, do ceticismo em relação a qualquer critério de verdade e relação com a objetividade e a totalidade social. O mundo é estranho e cruel. Ele nos submete e nos aliena, mas a razão de seus fundamentos materiais não é compreendida e apenas uma explicação ideológica e teórica é dada. Típico, por outro lado, daqueles que têm como profissão pensar de forma isolada, como se o caráter total do capital fosse simplesmente um problema mental e bastasse não pensar em sua dinâmica impessoal e total para que ele não subsumisse nossas vidas. Há algo de divertidamente infantil nos pós-modernistas: bastaria fechar os olhos para que o capital simplesmente deixasse de existir. É uma pena que estejamos lidando com realidades pobres que afetam nossas vidas (o capital em seus movimentos) e não com as alturas dos discursos acadêmicos aos quais os

protagonistas de nossa novela estão acostumados, com cujas palavras eles acreditam estar construindo o mundo de forma performática.
Essa ideologia da derrota e da diferença está ligada às filosofias pessimistas do ser, nas quais alguns dos teóricos de referência para os autores pós-modernos (Nietzsche, Sartre, Heidegger, Schopenhauer) são referenciados. O ser é uma entidade abstrata da qual a essência e a existência são separadas por um lado e por outro. A ideologia pós-moderna assume o idealismo e o pessimismo dessa filosofia. Ela acredita que se parte da linguagem para criar o mundo material (em oposição a uma visão materialista em que se parte do mundo real para explicar o mundo; Marx, Engels, Bakunin ou, em outro sentido, Aristóteles).

O termo pós-modernidade nasceu de um livro de François Lyotard, filósofo francês, que foi membro do grupo de extrema esquerda francês *Socialisme ou Barbarie,* liderado por Cornelius Castoriadis. Lyotard se opôs à ideia de Castoriadis de ser capaz de pensar uma teoria revolucionária que renunciasse ao marxismo e, por isso, fundou a organização *Pouvoir Ouvrière* com outros companheiros. Alguns anos depois, entretanto, ele renunciou ao marxismo e, acima de tudo, à revolução, e escreveu um pequeno livro no qual sintetizou alguns dos lugares comuns do pensamento pós-moderno.
A França e os Estados Unidos são dois importantes pontos focais desse pensamento. Trata-se de um conjunto de autores diversos, com níveis e trajetórias teóricas muito diferentes, mas que, sem dúvida, têm algo em comum. Um dos aspectos decisivos é a renúncia militante, contra o discurso da centralidade do proletariado como a classe revolucionária que, sozinha, pode acabar com o domínio do capital (que é algo mais profundo do que um sistema de privilégios, como nossos "teóricos" parecem entendê-lo mal), ou a renúncia da realidade da natureza humana como o mal dos males. Pelo contrário, a medula das pessoas é o contexto social e histórico, um reducionismo cultural e a hipertrofia dos discursos que moldam performativamente a vida dos sujeitos.

Como dissemos no início, o pós-modernismo é uma ideologia nascida na academia das correntes pós-estruturalistas francesas. Estas, depois da crise do marxismo acadêmico e político[2] e da crise do estruturalismo (do peso absoluto que haviam dado às estruturas

[2] O marxismo é um renascimento social-democrata de Marx que tenta integrar o proletariado ao capital. É o partido do trabalho no capital. Ao contrário, o comunismo é o movimento real que luta pela afirmação

econômicas e históricas, depois de fazer dos seres humanos meros suportes, pernas de uma mesa sobre a qual as estruturas se erguiam) dão origem a uma fuga para o aparente oposto: é o momento do molecular, do capilar, do pequeno, dos desejos, do periférico, do específico, dos dispositivos de subjetivação. Na realidade, é um movimento pendular que tem como pano de fundo a derrota política do proletariado na década de 1970. A universalidade abstrata do marxismo como ideologia, permeada pelo cientificismo e pelo politicismo, pela redução do proletariado a um suporte para o capital, começou a entrar em crise com a ascensão do proletariado na década de 1960. Com a derrota do proletariado, seus pais estruturalistas (Althusser, Foucault, Derrida, etc.) tornaram-se os promotores do pós-estruturalismo, do pós-modernismo. Além disso, é muito importante entender que a universalidade postulada pelo cientificismo e progressismo marxistas e pelo estruturalismo não é o tipo de universalidade que o proletariado carrega como uma negação da propriedade e das classes sociais. É a partir dessa verdade, a da pestilência do marxismo como ideologia, que o pós-modernismo constrói a grande mentira do particularismo, de que não temos nada em comum e que, em última análise, a dominação sempre existirá. Os universais do marxismo não têm nada a ver com os do proletariado em ação.

Vamos explicar melhor: a pós-modernidade, diante das ideias de universalidade, diante da história, contrapõe a impossibilidade de fazer uma história e uma teoria universais. Esse aspecto é muito interessante porque a crítica acadêmica do marxismo implica a rejeição de qualquer concepção teórica forte, baseada em princípios, em meta-narrativas significativas (por exemplo, as condições materiais reais de que o capitalismo é global). Se toda a história tem interpretações subjetivas, como poderíamos confrontar o capitalismo se não percebermos que ele tem uma base global que é histórica?) Eles fogem como a peste de qualquer concepção geral, são alérgicos a universais humanos e teóricos.

2. Uma ideologia do indivíduo

O pós-modernismo baseia-se na subjetividade de cada indivíduo, na verdade individual, e é por isso que não existem verdades absolutas. De fato, ele acusa as verdades universais de serem totalitárias, de serem impositivas. Tudo isso é resultado do ceticismo de uma teoria que não busca colocar nossa própria existência social em uma

---

das necessidades humanas do proletariado por meio da supressão do valor, das classes e do Estado. Marx foi um excelente militante de nosso partido, mas como ele mesmo disse: "Não sou marxista".

estrutura mais ampla, porque isso seria encerrar a especificidade do indivíduo e dos diferentes agrupamentos de identidade; para o pós-modernismo, o fato de o ser humano ser um ser social é explicado como algo meramente discursivo e não como algo material real. É o mundo do capital que nos envolve. Talvez nos campi da Califórnia haja uma gama maior de opções, mas milhões de proletários não têm a sorte de poder escolher essa perspectiva. Nossa vida é determinada por uma forma material oculta, mas muito real (temos de enfrentar diariamente condições cada vez piores para sobreviver: empregos que nos sufocam, moradias inacessíveis ou que nos isolam dos outros, relacionamentos superficiais mediados por mercadorias etc.).

Essa visão de mundo não pode aspirar à emancipação global das pessoas, não pode aspirar a pensar como um todo, em uma comunidade real, só pode ser pensada de forma identitária, separada do resto. Isso é palpável nas lutas sociais dos últimos anos, a incapacidade de entender outros proletários no resto do mundo como aqueles que têm nossas mesmas necessidades e são uma expressão da mesma luta, o que leva a uma falta de solidariedade do resto do proletariado, ao contrário do que nossa classe fez ao longo da história.

Pensar que podemos nos tornar todos iguais (como pretende a democracia) ou pensar que somos todos totalmente diferentes (como fazem os pós-modernistas) é um exemplo claro de uma falsa dicotomia: dentro de nossas diferenças há coisas que nos unem e que compartilhamos como espécie, temos as mesmas necessidades para viver. O comunismo não luta pela igualdade, nem pela igualdade de raça ou de gênero, porque essas construções são socialmente funcionais para o mesmo sistema que precisa delas; portanto, a revolução não deve contemplar sua preservação e "transformação positiva", porque sua luta contra a civilização/sociedade mercantil implica a destruição de todos os seus fundamentos; Portanto, a revolução não deve contemplar sua preservação e "transformação positiva" porque sua luta contra a civilização/sociedade mercantil implica a destruição de todos os seus fundamentos categóricos, morais, científicos, religiosos e jurídicos. O comunismo não tem como objetivo acabar com a opressão deste mundo por meio dos ingredientes do bolo de mercadorias (distribuindo cotas proporcionais de acordo com a raça ou o gênero), ele quer transformar radicalmente os ingredientes do "bolo" da vida humana. A exploração consiste na mesma coisa em todo o mundo - extrair mais-valia - e isso une todos os trabalhadores, independentemente de

seu idioma, sexo, idade, cor ou orientação sexual. O capitalismo não é um sistema de "opressões", mas um sistema de exploração que rotineiramente cria discriminações e opressões porque, como em todo sistema de exploração, é de sua natureza fazer isso para manter sua dominação.

É uma ideologia liberal, pois reivindica o direito do indivíduo de escolher livremente o que quer ser (dentro das opções do capital, é claro). É a revolução do indivíduo que é livre para afirmar ser uma mulher, um homem, um gênero fluido ou não-conforme, que aspira ser reconhecido e tornar-se visível. Por quem? Pelo Estado, o velho Estado, com suas instituições e interesses de classe que estão um pouco ultrapassados agora. Da microfísica do poder à reivindicação do estado de direito, não há apenas uma relação lógica, mas também um caminho seguido por nossos brilhantes pós-modernistas: do radicalismo verbal à facticidade do poder do capital. Pensar que os problemas sociais podem ser resolvidos individualmente não faz sentido; não basta usar uma linguagem extremista ou mudar os hábitos individuais. Como *o Cuadernos de Negación já disse:* "Nunca recomendaríamos "soluções" individuais para problemas sociais. A percepção individual de um problema não faz com que o problema seja uma questão individual". (*Cuadernos de Negación*, n° 8). Fazer isso apenas reduziria tudo o que é concreto a algo abstrato: a escolha individual de ser o que você quer, de escolher entre as mercadorias oferecidas. Entendemos que é frustrante, que nos faz sentir pequenos por sentirmos problemas todos os dias, problemas que não podemos resolver isoladamente, individualmente. Mas pensar de outra forma só criaria a ilusão de que nossas vidas são radicais e que temos o poder de decidir se o setor de carnes vai para a merda ou se o aquecimento global acaba caminhando para o trabalho, por exemplo. Além do fato de que não é possível resolver problemas sociais individualmente, isso também é besteira. Mesmo que pudéssemos resolver as coisas individualmente, faríamos isso da mesma forma que os indivíduos fazem: isolados, sem apoio, com dinâmicas competitivas e meritocráticas (toda a culpa internalizada que se expressa, por exemplo, na consciência ambiental: você não faz o suficiente, precisa se esforçar mais, veja como eu sou bem-sucedido...) O indivíduo é péssimo, ele é a própria base dessa sociedade. O fato de o problema social ter de ser resolvido coletivamente é o que torna possível recuperar nossa vida humana real, a comunidade humana global.

O pequeno é defendido contra o grande, o subjetivo contra o objetivo, o molecular contra o molar, o múltiplo contra o uno, e assim por diante. Isso torna impossível falar

sobre algo tão importante quanto a espécie humana e suas necessidades. A pós-modernidade é uma ideologia de separação e fragmentação, de desunião e rejeição virulenta de nossa capacidade de nos constituirmos como uma classe. É uma ideologia obcecada com a multiplicidade de culturas humanas e não com a compreensão de que os seres humanos são naturalmente culturais, obcecada com a multiplicidade de idiomas e não com o fato de que somos seres linguísticos, obcecada com as diferenças e não com aquilo que nos une em nossa diversidade. Além disso, isso nos reduz ao localismo e, portanto, impede um internacionalismo real, um internacionalismo que não tem nada a ver com o espetáculo multiculturalista pós-moderno. Essa preocupação com a singularidade é sempre, em última análise, a singularidade de indivíduos isolados e concorrentes, pois diferentes sujeitos (mulheres, racializados, homossexuais) competem entre si.

Na realidade, o pós-modernismo será uma reação compreensível à visão sociológica da social-democracia sobre o proletariado. No entanto, ele reagirá respondendo com novas formas de social-democracia, uma vez que a antiga já está muito "desgastada" pela relativa deslegitimação dos PCs e do stalinismo graças a 1968. Para isso, ele fará uma viagem de ida e volta do identitarismo macaco-azul do discurso trabalhista para a gama de identidades que surgem para completar com outros sujeitos de opressão. Assim, se o trabalhismo deixou de fora as mulheres, tudo pronto! A identidade das mulheres foi acrescentada. Se ele deixou de fora os não brancos, eis a identidade racial... Agora que a identidade da classe trabalhadora perdeu seu peso, mais e mais sujeitos de opressão são acrescentados: opressão autista, a identidade louca, a identidade gorda etc. É interessante ressaltar, como já indicamos acima, a relação íntima entre o surgimento dessas ideologias e as fraquezas e os limites do próprio movimento proletário, principalmente em relação ao peso do trabalhismo e do economismo em períodos anteriores de luta. Não romper com a concepção social-democrata do proletariado permitirá o surgimento de todas essas categorias, que funcionam com a mesma lógica fetichista do trabalhismo.

Por outro lado, acreditamos que uma reflexão contra a integração também seria interessante. Como analisaremos abaixo em relação à ideologia racializante (que é um dos múltiplos desvios da pós-modernidade), seu objetivo final é a integração ao mundo do capital. Buscar reconhecimento para melhorar as condições de vida dentro do capital

é entrar na dinâmica da competição individual pela sobrevivência, em vez de buscar uma emancipação comum. Esse também é o caso de alguns dos discursos que estão surgindo na Espanha em relação à raça, em contraste com a força de movimentos como o dos *banlieues* em 2005, cuja força estava justamente no fato de não buscarem a integração. Nesse sentido, o racialismo não será, na realidade, nada mais do que uma forma objetiva de domesticar as lutas dos proletários "racializados". O que dizemos sobre o racialismo é análogo ao que podemos argumentar sobre os feminismos pós-modernos e sua tentativa de desconstruir a "categoria" mulher.

Portanto, não é exagero argumentar que a ideologia pós-moderna é uma teoria liberal, uma teoria do indivíduo que reforça o capitalismo**.**

É importante ressaltar que essas teorias são uma forma de recuperar o radicalismo que muitas das pessoas que mergulham nelas buscam. Essa recuperação não é ideal, mas real, como expresso no caráter contrarrevolucionário do racialismo, porque elas não aspiram à libertação total da classe e da espécie humana. Pelo contrário, eles tornam isso impossível e enfraquecem a luta, canalizando-a para um nível legalista e institucional.

3. Frentismo e interseccionalidade

Na esfera ativista, é muito difundida a ideia de que há uma série de lutas heterogêneas que são combinadas em "frentes de luta", como se fossem lutas separadas e dissociadas, paralelas e autônomas, que, em princípio, não têm nada a ver umas com as outras (raça, gênero, anti-especismo, ambientalismo etc.). Não existe a ideia de universalidade e singularidade dessas lutas, porque isso seria essencialista.

Isso elimina completamente a concepção de classe, pois a partir desse ponto é impensável ter a mesma luta material para satisfazer necessidades humanas semelhantes, ligando as lutas proletárias no Marrocos com as do Iêmen, as da região espanhola com as da Argentina, as do proletariado afro-americano com as dos proletários curdos. Tudo é particular e fragmentário. Esse é outro motivo pelo qual essa ideologia é derrotista: um pensamento que parte do que nos separa não é capaz de pensar em emancipação universal. Como dissemos em *Notes on patriarchy in capitalism [Notas sobre o patriarcado no capitalismo*]:

> *Essa divisão só pode ser compreendida em termos da comunidade humana e do comunismo como um movimento histórico. Atualmente, a social-democracia coloca todos os seus esforços para colocar a luta*

> *de classes e a divisão entre homens e mulheres, bem como a divisão de raças, práticas sexuais, etc., no mesmo nível. No entanto, essa afirmação é a melhor maneira de negar a possibilidade da comunidade humana, pois, para alcançá-la, seria necessário eliminar não apenas o capitalismo e as classes sociais, mas também toda a diversidade existente na espécie (cf. teoria queer). Pelo contrário, a única maneira de destruir a máquina de morte e miséria que é o capital é a luta de classes e, por meio dela, a negação de todas as classes. Entretanto, essa luta não é apenas a luta do proletariado contra o capital, mas também sua luta para unir o que foi separado dentro da classe. A única maneira de o proletariado fazer isso é confrontar as divisões impostas pelas sociedades de classe, entre elas a divisão entre homens e mulheres.*

A pós-modernidade difundiu a ideia de que o que se tem a fazer com as opressões é desconstruir a si mesmo, o que nada mais é do que analisar a si mesmo discursiva e conceitualmente. O que é desconstrução? É um conceito absolutamente nominalista. Ele promulga a capacidade onipotente da consciência (obviamente, individual) de romper com as relações sociais que nos "constroem", que nos constituem. O problema não está em reconhecer que o que somos é, em grande parte, determinado pelas relações sociais que estabelecemos e que nos estabelecem, por assim dizer, mesmo que isso permita ao pós-modernismo negar qualquer ideia de natureza ou biologia. O problema é acreditar que o pensamento e as formas de ação que buscam uma solução para substituir as relações atuais podem "pouco a pouco" mudar a totalidade das relações mediadas e sujeitas ao contexto histórico e social desta época, chegando ao ponto de afirmar que não há necessidade de uma luta de classes internacional para destruir as estruturas e seus métodos em voga. Essa é, a propósito, a melhor maneira de se justificar em sua própria função material: reprodutor da ideologia dominante a partir de uma cadeira universitária.

Mas o que acontece depois que eu desconstruir meu sexo? Isso afetará atomicamente, materialmente, o que eu sou? Meu tom de pele ou características faciais mudarão se eu desconstruir minha "raça"? Voltaremos a essas perguntas quando nos debruçarmos sobre a Santíssima Trindade pós-moderna: classe, raça e gênero.

4. E se o capitalismo não fosse apenas mais uma opressão?

A pós-modernidade é alérgica à totalidade. Para ela, não haveria um centro que configurasse nossa realidade social. Seu interesse pelo exótico, pelo pequeno, pelo anômalo, pelo desviante, pelo incomparável, pelo grotesco etc. leva-a a abandonar o

elemento configurador central, o capital como a relação social estruturante dessa sociedade sem a qual nada se entende, mesmo que não explique tudo.

O pós-modernismo resulta em uma concepção do capitalismo diferente daquela concebida por Marx e pelo movimento proletário. Como dissemos anteriormente, o fato de os pós-modernistas afirmarem algo como se fosse uma verdade total é errado, é totalitário, fascista. Mas, infelizmente, o capitalismo é global, portanto não pode ser parcialmente confrontado. E, de fato, é essencial entender que não estamos falando de uma escolha estética, não se trata de postular o quanto as grandes narrativas são ruins e que um mundo fragmentado em múltiplos devires moleculares que convergem de forma federal e harmoniosa por meio dos fluxos desejantes de seus corpos é preferível, e que esse não tem sido o caso por causa de um terrível erro teórico que encontra sua origem na decadência da filosofia grega ou no pensamento judaico-cristão. Não estamos falando de ideias separadas dos processos materiais globais. O capital é uma totalidade em si, não o produto de grupos humanos que precisam dar sentido a metanarrativas globais.

Uma das características do pensamento pós-moderno é seu formalismo. O inseparável é separado em uma multiplicidade de fragmentos e a tentativa de reuni-los é chamada de interseccionalidade. Na realidade, o que se faz é dissecar um cadáver e depois remontá-lo artificialmente, sem que ele deixe de ser um cadáver, por mais conceitual que seja todo o processo. Vamos nos explicar um pouco melhor, pois estamos nos deparando com um dos lugares comuns do pensamento pós-moderno.

O capital é uma relação social histórica que emerge de dois processos combinados. Por um lado, o mundo se torna capital por meio da criação de relações sociais de produção capitalistas, que separarão os camponeses da terra e os forçarão a vender sua força de trabalho como novos proletários. Esse processo terá sua gênese na Europa feudal e na Inglaterra, em primeiro lugar. Por outro lado, o capital se torna global por meio de sua extensão a todo o globo, que terá um salto de qualidade com a chegada de castelhanos e portugueses à América, com o consequente genocídio. O capital surge do sangue e da pilhagem, como Marx nos lembrou, e é importante não separar os dois processos porque, sem a combinação dos dois, o atual sistema de exploração simplesmente não teria surgido.

O capitalismo que começa a surgir então, a partir do século XVI, é uma realidade muito diferente das formas antediluvianas e imperfeitas de capital que podiam existir nas sociedades pré-capitalistas anteriores. As formas de capital usurário ou mercantil não tinham por trás de si uma substância social, o trabalho abstrato, que igualava todos os trabalhos e atividades concretas em um nível social, o que permitiria que a natureza do capital (um valor inflado com valor) se reproduzisse graças à substância social contida na mais-valia produzida pelo trabalho assalariado. O capital é, portanto, uma relação social impessoal e aparentemente automática (mas que, na realidade, é alimentada pelo trabalho abstrato como substância social, o que torna central o antagonismo entre capital e proletariado) que, em suas várias metamorfoses sociais, invade e reconstrói todo o domínio das antigas formações sociais pré-capitalistas. Este não é o lugar para nos determos em uma explicação mais detalhada e profunda. O importante é entender que o capital não é algo econômico, é a relação social que configura em suas metamorfoses a totalidade social da modernidade, que separa o mundo social, rompendo com as comunidades pré-capitalistas, o mundo privado e o mundo público, a economia e a política, o mundo do trabalho do mundo do cidadão, e assim por diante. Da mesma forma, ele molda à sua própria imagem e semelhança, para a lógica abstrata do dinheiro e da troca, o patriarcado das sociedades pré-capitalistas (isso não pode ser entendido sem a forma como o capital o moldou, e essa incompreensão é uma das explicações teóricas para os limites social-democráticos de todo feminismo) ou as divisões raciais da modernidade capitalista. Não se pode entender a opressão dos escravos da modernidade capitalista sem levar em conta o comércio triangular entre as diferentes regiões do capital desde o século XVI.

Portanto, o capital aparece para nós como um todo único, mas diferenciado. É claro que não negamos a especificidade do domínio patriarcal ou do racismo tipicamente capitalista. O que nos recusamos a aceitar é que essas partes possam ser separadas do todo. Separadas, elas são incompreensíveis. A soma das partes não é igual ao produto. E isso é o que acontece com todos os teóricos pós-modernos com sua obsessão por estudos raciais, neocoloniais, de gênero... Eles são incapazes de restaurar teoricamente a realidade de dominação e exploração que nos domina. Eles só conseguem reconstruir um cadáver inanimado que existe apenas em suas cabeças.

Dessa forma, a brutalidade impessoal e semiautomática do domínio do capital é reduzida a uma mera questão de privilégio. Eu, como trabalhadora branca cisgênero, tenho mais privilégios do que o trabalhador branco cisgênero, que terá de manter silêncio sobre uma mulher lésbica branca, mas que, por sua vez, mantém privilégios em relação a uma mulher árabe racializada... E assim por diante, em um jogo absurdo e impotente de bonecas russas.

A parcialidade obsessiva desse mecanismo mental é incapaz de compreender e alterar a totalidade do capital. Como dissemos no início de nosso texto, essa é uma concepção substancialmente pessimista que não acredita na possibilidade de mudança total. Eles são contra as grandes narrativas, as utopias não existem mais, o mundo não pode ser mudado globalmente, por isso é necessário agir em pequena escala, por meio de micropolíticas, pequenas histórias, contos, narrativas corporais. Será que eles estão realmente convencidos de que é possível mudar o sistema capitalista em uma única parte do mundo? Na realidade, eles abandonaram essa pretensão há muito tempo. Além disso, o capitalismo é reduzido a um privilégio entre outros, o classismo, transformando-o em mais uma opressão entre outras, como o racismo, o sexismo, o capacitismo etc.

Dessa forma, o capital é onipotente. A única coisa que pode ser feita é resistir ao poder, um poder que é configurado por meio de suas normas e contra o qual se luta desafiando-o por meio de discursos de identidade: mudar de sexo, subverter tudo em palavras para que nada substancial e real mude porque, na realidade, a partir das premissas, isso é impossível.

Os pós-modernistas têm alguma ideia de emancipação, um lugar para onde querem ir? Eles criticam tudo, mas a que aspiram? Provavelmente não aspiram a chegar a lugar algum, mas simplesmente a ter a possibilidade de escolher situações. Eles parecem estar esperando que a nova opressão seja descoberta e a coisa mais radical é criticar a crítica do último filósofo da universidade. A pós-modernidade é uma deriva de questões fluidas em que você se desconstrói e aparece desmaterializado sem nem mesmo saber como veio parar neste mundo, ou se realmente existe um. Não há verdade em que se apoiar. Se o objetivo é ir contra a corrente pelo simples fato de ir contra a corrente, isso não faz sentido, porque não há um terreno firme onde se apoiar; as palavras e a

realidade devem corresponder, caso contrário, estaremos falando de um discurso vazio. *Eles se autodenominam radicais, mas, ao se autodenominarem como tais, não são subitamente radicais.*

5. Uma ideologia nominalista

Como dissemos anteriormente, para os pós-modernistas, a realidade é o que é dito. Os pós-modernistas vivem em uma hipertrofia cultural e linguística. Nós, seres humanos, somos páginas em branco moldadas pela cultura de cada lugar e pelos discursos linguísticos. A música idealista dessa canção já deve ser familiar para nós.

Para nossos pós-modernistas, a realidade que habitamos no fundo é derivada do mundo das ideias ou do famoso "penso, logo existo", até mesmo do mundo criado pela ideia de Deus. Eles não estão muito distantes da ideia de que a natureza é criada por nossa linguagem. Para os pós-modernistas, tudo é linguagem, tudo é cultural. A realidade é construída, ou talvez devêssemos dizer criada, pela linguagem e pela cultura: a realidade é o que é dito. Dessa forma, somos levados a duvidar de tudo o que é material, somos levados a duvidar até mesmo se os hormônios e o sexo têm algo a ver com ser homem ou mulher, somos levados a duvidar tanto da matéria que podemos nos perguntar se amanhã acordaremos como cangurus. Dizem-nos repetidamente que a natureza é criada por nossa linguagem, mas só porque os seres humanos se espalharam pelos cantos mais distantes do mundo e influenciaram o crescimento e a distribuição das plantas ao redor do globo não significa que criamos a natureza.

Como tudo é linguagem, tudo depende da subjetividade do indivíduo. A pós-modernidade é a expressão típica da antropologia do capital, de seu individualismo e de sua separação. Tudo é uma representação, por isso não há realidade e tudo é subjetivo. O que é então a realidade material? O que é ter fome, sentir dor, não são coisas que todos nós sentimos?

Como podemos ver, essa é uma ideologia estranha que, se por um lado se declara materialista, na realidade está repleta de fundamentos idealistas. Uma concepção que desloca o foco de interesse do capital como uma relação social total (que, portanto, não pode ser reduzida a algo econômico, como acreditam marxistas e pós-modernistas com igual fé) para a sexualidade e a linguagem. E não porque a sexualidade não seja um aspecto extremamente importante do pensamento sobre a liberação humana sob a égide

das sociedades de classe, mas porque concebê-la como uma substância separada da dinâmica mais global faz dela uma substância morta, moldada performativamente pelo capital. Exatamente o que acontece com os protagonistas de nossa saga. E o que podemos dizer sobre uma concepção autorreferencial da linguagem, que, em vez de estar aberta e em constante comunicação com o mundo e nossa prática nele, nos distancia e nos separa dele e depois o recria. No princípio era o Verbo, diz o Gênesis bíblico, e o mesmo é repetido por nossos pós-modernistas. Seus fundamentos teóricos, como os da modernidade capitalista, são em grande parte escolásticos e encontram suas referências em nominalistas como Ockham e formalistas como Scotus, como alguns deles, de forma um pouco mais consciente, como o próprio Deleuze, reconheceram.

6. Gênero, raça... classe?

Já falamos do famoso tríptico "gênero, raça, classe" como elementos separados que não teriam nenhuma relação *a priori e* só estão conectados a *posteriori* devido aos sábios interseccionalistas acadêmicos. Essa tríade é, na verdade, algo semelhante à Santíssima Trindade para os católicos, uma questão de fé que não pode ser questionada, a menos que você queira ser excomungado da Igreja acadêmica e politicamente correta de esquerda (em todas as suas versões, inclusive a "anarquista"). Na realidade, a pós-modernidade tem muito do pós-Moestalinismo no nível do ativismo político, como já antecipamos. A partir dessa tríade, muitas outras opressões (frentes que se abrem) aparecem: especista, capacitista, ativismo gordo, etc. É importante não esquecer nenhuma delas nesse jogo interminável de privilégios e contra-privilégios.

Gênero

Antes de mais nada, é importante observar que estamos cientes da existência de pessoas intersexuais, que têm órgãos sexuais intermediários entre masculino e feminino, bem como seus hormônios. Entretanto, não acreditamos que a pequena porcentagem dessas pessoas deva ditar o padrão de reflexão, que já é tipicamente pós-moderno, tornando as margens o centro da teoria. As teorias pós-modernas de gênero são lideradas pelo feminismo de terceira onda.

É fato que a sociedade estabelece um estereótipo de homens e mulheres, basta olharmos para a publicidade e os filmes para percebermos isso. Esse estereótipo muda com o tempo? Sim, existem maneiras diferentes de ser homem e mulher, costumes diferentes? Sim. Você pode deixar de ser homem ou mulher porque tem um nome diferente? Não,

ser homem e mulher não é uma identidade, é um fator material, é, inseparavelmente, uma realidade biológica, cultural, social e histórica.

O livro *Heterosexual Thought and Other Writings (Pensamento Heterossexual e Outros Escritos)*, de Monique Wittig, é um exemplo claro do que é a pós-modernidade. Um texto que pressupõe que as mulheres lésbicas não são lésbicas. As mulheres lésbicas não são mulheres, elas são desertoras de seu gênero porque são lésbicas. Elas não são servas dos homens, por isso são rebeldes. Esse é um exemplo de falso discurso revolucionário em que a identidade e o preconceito são usados para "unir" um grupo de mulheres por suas práticas. Mais uma vez, isso nos leva a uma resolução individual do problema, que, como já dissemos, reproduz a ideologia liberal do capitalismo: "Ser lésbica é construir outros mundos, é esculpir novas realidades".

> *Como podemos explicar a mudança da reivindicação de direitos universais ("Nós, mulheres") para uma teoria de normas de discurso e poder que chega ao ponto de questionar os próprios conceitos de "mulher" e "natureza humana"? Em seu* Manifesto Ciborgue*, Donna Haraway, em seu estilo poético-delirante característico, oferece uma exposição sintética dessa evolução: "Uma vez reconhecidos, após grande esforço, como condicionados social e historicamente, nem o gênero, nem a raça, nem a classe social podem fornecer uma base para a crença em uma unidade "essencial". Não há nada no fato de ser "mulher" que crie um vínculo natural entre as mulheres. Pois nem mesmo existe algo como 'ser' mulher, uma categoria que é extremamente complexa e que foi construída dentro de discursos científicos que são, por sua vez, objeto de controvérsia" (Donna J. Haraway,* The Cyborg Manifesto*).*
> *("A ofensiva dos estudos de gênero"* Cul de Sac*)*

E não há dúvida de que a opressão das mulheres tem uma origem social (é o que os estudos acadêmicos de moda chamam de gênero), mas elas são oprimidas como mulheres, o que implica o tipo de corpo que têm. E é isso que separa essas concepções pós-modernas do medo patológico que elas têm de tudo o que parece biológico, natural (separação entre sexo e gênero). O controle do corpo, da sexualidade, da capacidade de dar vida e de criar filhos é o fundamento natural sobre o qual o patriarcado é construído historicamente e em todas as formas em que se configurou. Para entender a gênese e a realidade da opressão patriarcal contra as mulheres, então, é essencial nos desvencilharmos do dualismo pós-moderno, que separa o biológico do cultural e, de fato, reduz o primeiro ao segundo, operando assim a típica redução idealista do corpo à alma. Vamos explicar melhor: para os pós-modernistas, é a forma cultural que é importante, o corpo físico e biológico é apenas um epifenômeno da vontade. Para nós, é fundamental rejeitar essa separação. Corpo e mente, vida material e cultura não podem

ser entendidos como substâncias independentes. É a realidade biológica e invariante das mulheres ao longo dos milênios e em diferentes culturas que forma um substrato comum que, em alguns casos, atuará como um *prius* social e comunitário positivo (pense nas sociedades comunistas do Paleolítico ou do Neolítico) e, em outros casos, como um motivo de disputa e opressão, com o desenvolvimento de sociedades patriarcais, classistas e estatistas. Esse complexo entrelaçamento de aspectos naturais e sociais construiu uma multiplicidade de formas diferentes de ser mulher ao longo da história humana. Mas a multiplicidade de formas não nega o fato de um ser comum como mulher, assim como a multiplicidade de culturas que nós, seres humanos, habitamos não nega nossa humanidade comum.

Na realidade, o pensamento pós-moderno opera com binômios muito simples e dicotômicos. Como há uma multiplicidade de maneiras pelas quais o "gênero" é representado e vivido ao longo da história humana, eles deduzem que ser mulher pode ser desconstruído e desaparecer como uma categoria. Mas ser mulher é muito mais do que uma categoria, assim como ser humano. Na realidade, toda a teoria pós-moderna de "gênero", começando com a visão "refinada" de Butler, é uma forma de "construtivismo social" herdada das teorias foucaultianas, que reduz realidades materiais pesadas a meras declarações discursivas: o médico com seu dispositivo de poder é quem ordena o sistema de gênero, quando ele anuncia que você é um menino e que você é uma menina, nos diz Butler.

Corrida

O capitalismo é racista porque constrói uma identidade com base na nação: a "raça", diferentemente do que explicamos anteriormente sobre ser homem e mulher, não é um fator material em um sentido biológico. Pelo contrário, é uma fetichização de uma série de características fisionômicas (cor da pele, formato do rosto ou do cabelo, etc.) para estabelecer grupos de semelhanças com base nos quais se impõe uma hierarquia nacional-racial. O principal objetivo dessa hierarquia é o de todo nacionalismo: a separação do proletariado para melhor explorá-lo. O papel histórico desempenhado pelo racismo deixa isso claro: veja, por exemplo, a revolta do proletariado negro e branco nos Estados Unidos no final do século XVIII e a consequente política estatal de separação racial, lado a lado com o desenvolvimento da democracia branca.

Entretanto, essa função é facilmente esquecida para afirmar que a "raça" é um eixo distinto e inassimilável de opressão pela classe. Dessa forma, raça e classe são entendidas como substâncias separadas e que se cruzam, na mesma lógica forense que mostramos acima. Portanto, o racialismo é a parte do pós-modernismo que coloca o grupo nacional-racial acima de todas as considerações de classe.

Um grande problema com a racialização de ideias é que isso as leva a defender a cultura e a história acima de tudo, independentemente de serem sexistas ou reproduzirem a dominação de classe. Dessa forma, a figura de Atahualpa ou o papel das religiões são defendidos independentemente da terrível exploração que sustentam. A raça, como dizemos, implica o mesmo jogo que a nação, é uma justificativa para a exploração do proletariado, desde que seja a "nossa" exploração e não a de outra burguesia mais forte.

Nesta seção, achamos importante nos determos brevemente em um livro que é sintomático por sua natureza reacionária. É o livro de Houria Boutedja: *The Whites, the Jews and Us (Os brancos, os judeus e nós)*. Um livro que também está causando grande impacto nos círculos "radicalizados". Na realidade, o livro é uma coletânea de banalidades stalinistas em que o obsoleto trabalhismo, a lógica "anti-imperialista" e "anti-yankee" dos partidos comunistas e do marxismo-leninismo de diferentes matizes são desviados para uma chave de raça social. O que quer que minha raça faça está certo na luta contra outras raças. Se Ahmadinejad disser que realmente não há homossexuais no Irã, devemos admirá-lo, porque ele está desconstruindo a lógica do Império e dos Estados Unidos quando diz que não tortura. Meus amigos são meus amigos e você tem que estar com eles até o fim, e a amizade é uma questão de raça. A lógica do mal menor é contínua. Aqueles que se atrevem a criticar a Venezuela de Chávez e Maduro não passam de brancos vestidos de decoloniais... Em uma "lógica amorosa" (*Por uma política de amor revolucionário* é o subtítulo desse texto), ele também propõe uma aliança entre judeus e brancos não racializados (não esqueçamos que o mundo é construído acima de tudo por raças), já que se trata, antes de tudo, de construir movimentos racializados autônomos, após o que será possível uma aliança com a esquerda branca. Na realidade, o aparente radicalismo do discurso é apenas uma versão pós-moderna do antigo discurso social-democrata de frente popular. É necessário acumular o próprio poder para negociar a integração à sociedade capitalista, uma sociedade que quase não é mencionada e, quando o é, é apenas para considerá-la um

mero epifenômeno da civilização ocidental. No mais puro estilo pós-moderno, a materialidade sucede às ideias.

Em suma, como dissemos, o livro não passa de um acúmulo de lugares-comuns que lembram o pior dos movimentos de libertação nacional burgueses stalinistas dos anos 60 e 70, todos temperados com slogans religiosos e homofóbicos e uma compreensão do próprio machismo porque é o machismo do meu povo. Obviamente, falar sobre o fato de que em suas amadas comunidades existem linhas de classe que as dividem é algo que é melhor não ser dito. Em resumo, o racialismo é uma ideologia objetivamente a serviço do capital na tentativa de nos dividir e fragmentar como proletariado, como uma classe única e global.

Classe?

Os pós-modernistas não têm nada além de uma concepção ingênua de classe. Dos três, esse é o conceito em que o pós-modernismo mais revela sua continuidade com a modernidade, com o pensamento progressista burguês, apesar de si mesmo. Seu conceito de classe nada mais é do que a concepção sociológica de classe, a mesma da social-democracia clássica e do leninismo. Outra coisa seria investigar como, no fim das contas, ele oscila entre essas velhas roupagens e novos binômios afinados que servem ainda mais para confundir: elites/povo (Podemos), integrados/marginalizados (insurrecionalismo), etc.

Além disso, nas versões mais ingênuas do pós-modernismo, a classe é reduzida a uma mera questão de status, de privilégio, perdendo de vista qualquer realidade estrutural, o que lembra as visões mais tradicionais da sociologia burguesa do século XIX e do início do século XX. Essa visão é combinada, ao mesmo tempo, com uma crítica do classismo que seria amalgamada com uma visão desdenhosa daqueles que são proletários pobres. Incapazes de compreender, mesmo que remotamente, as bases materiais de nossa sociedade, eles acabam reduzindo tudo a uma forma de cultura, de percepção do mundo, de estar no mundo por meio de um discurso. Dessa forma, ser proletário acaba sendo reduzido ao jogo discursivo com o qual nós, proletários, somos reduzidos a macarras, chonis ou chavs. Imaginar que somos uma classe material lutando para se afirmar e destruir este mundo não passa pela cabeça desses acadêmicos burgueses. E, no entanto, que eles tomem cuidado, pois a meta-narrativa está sempre à espreita.

7. O comunismo e a anarquia como um movimento real

Depois de passar pela Santíssima Trindade pós-moderna (gênero, raça e classe), ainda temos que fazer outras críticas. A trilogia pode ser transformada em uma infinidade fatorial de lutas e conflitos, cada um a partir de seu próprio viés (especista, vegano etc.) Para nós, o comunismo e a anarquia são um movimento total desde o início. O fato de que ele sempre começa de algum lugar e de algum conflito imediato não nega sua generalização global e histórica. Os pós-modernistas tendem a negar esse movimento real ao quebrar a unidade entre o imediato e o global, o particular e o universal, a fim de reconstruí-lo *a posteriori* de uma forma morta. Assim, a reconstrução feminista acaba sendo uma defesa da igualdade de direitos no capitalismo; a racialização, uma defesa da integração e do reconhecimento entre as diferentes "raças"; a luta dos trabalhadores, uma demanda para que o capital distribua um pouco da pirâmide de renda... Na medida em que cada luta imediata é separada de uma perspectiva global de superação deste mundo, cada parcialidade é uma parcialidade reformista e assim é a sua soma. E, para que fique registrado, não estamos falando de perspectivas ideais ou meros princípios, são nossas necessidades reais como proletários que nos levam a confrontar esse mundo globalmente a partir de qualquer uma de nossas imediatas.

Obviamente, assim como o patriarcado, o racismo fratura e divide nossa classe, e é um claro agente na reprodução do mundo do capital. O que permanente e invariavelmente afirmamos é que somente em um processo unitário de constituição do proletariado como classe, como força histórica, será possível superar real e materialmente essas divisões que fraturam nossa classe e impedem nossa constituição como partido para a destruição do capital e do Estado. O comunismo é um movimento real e unitário que parte das necessidades humanas e, a partir daí, supera as divisões e fragmentações. Ele não é o resultado de alianças e a soma de diferentes parcialidades que negociam e se cruzam umas com as outras. Somente o proletariado pode acabar com o capital negando a si mesmo como classe, na medida em que é o segredo oculto do capital, aquele que revela que o capital não é uma realidade natural, mas uma substância social. A classe não é, no entanto, um fato sociológico, mas uma constituição coletiva e partidária, como força histórica, e para que seja tal tem de romper com todas as divisões que a prendem (nacional, racial, patriarcal...) O proletariado é uma classe que não é uma classe e, em seu movimento real em direção ao comunismo, expressa o poder de eliminar não apenas

a sociedade de classes, mas a multiplicidade de opressões que o capital reproduz consigo mesmo.

> *A opressão racial, a opressão sexual, a destruição do meio ambiente... existiram em todas as sociedades de classe, mas nunca atingiram um nível tão sistêmico e gigantesco como no capitalismo e, especialmente, com o progresso da civilização capitalista em sua fase atual. Somente uma luta global pode destruir a própria base que reduz tanto a alienação do homem quanto toda a gama de manifestações desumanas e atrocidades inerentes às relações sociais capitalistas. Somente uma classe social - o proletariado - contém em seu ser tal projeto e sua realização - a revolução comunista. Ao contrário, a liquidação da luta por meio de sua parcialização e a criação de movimentos específicos que tendem a diminuir ou resolver um desses problemas separados, sem, portanto, poder atacar sua causa comum e profunda (feminismo, antirracismo, ecologismo, etc.) com tentativas irremediavelmente adicionais de adaptar, melhorar, reparar o sistema e, portanto, reforçar a ditadura do capital. Na prática, esses movimentos serviram e só podem servir para desviar a energia revolucionária do proletariado, para melhorar os mecanismos de dominação e opressão e até mesmo para aumentar a taxa de exploração do proletariado.*
> *(*Teses de orientação programática*, Grupo Comunista Internacionalista)*

Esperamos ter esclarecido um pouco da confusão existente em muitos meios de comunicação sobre essas questões nestas páginas, e que isso sirva, acima de tudo, para alimentar debates, discussões e esclarecimentos atuais e futuros.

● ● ● ● ● ●

Arrotos da pós-modernidade

"Os contratos [econômicos] modernos nada mais são do que formas linguísticas; quando um contrato é manipulado de alguma forma, é possível dizer que a linguagem está sendo manipulada".

"Em vez de ideologia, prefiro falar sobre subjetivação, a produção de subjetividade.

"O sujeito, de acordo com toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas, é algo que encontramos como um être-là, algo no domínio de uma natureza supostamente humana. Proponho, ao contrário, a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida".

"O queer, dada a sua ambiguidade, hipoteca permanentemente aquilo que é tido como certo e afirma sua identidade com base nas diferenças e nos aspectos mutáveis que são articulados por meio das noções de classe, gênero, raça e sexo. No meu entendimento, queer é uma atitude anti-assimilacionista, politicamente ativa e constantemente autoquestionadora...".

"Dentro de um espaço Womanist, posso elevar as mulheres negras e outras mulheres de outras culturas porque, nesse paradigma, sou reconhecida. Sou reconhecida como parte disso por causa da minha pele escura e da minha feminilidade. Eu, como mulher negra, posso prosperar em um espaço em que minha vitalidade não é negligenciada, ignorada e descartada.

Com minha própria autovalidação, não preciso do feminismo (interseccional ou não) para definir minha participação, meu valor ou o valor de outras mulheres na luta pela igualdade racial e de gênero.

Resumindo, não me enrole com o feminismo. Não preciso ser como você para defender os direitos e as possibilidades das mulheres.

"Essa visão universalista branca do mundo inteiro [...] faz parte dessa supremacia branca de definir tudo e universalizar tudo".